

EPISTOLOGRAFIA DE MACHADO DE ASSIS: ESCRITA DE SI E TESTEMUNHOS DE CRIAÇÃO LITERÁRIA

"Muita simpleza de arte"

O conselheiro Aires, a quem D. Carmo e Aguiar mostram uma carta da "filha postiça" Fidélia, registra em seu diário, em 30 de junho de 1888, as impressões de leitura desse "documento psicológico, verdadeira página da alma". No trecho de *Memorial de Aires* (1908), o último romance de Machado de Assis, moldado como uma costura de anotações íntimas recolhidas dos cadernos do espólio do diplomata, a "interessante deveras" carta da jovem viúva, endereçada ao casal de amigos na Corte, pretende compartilhar, em "quatro páginas apenas", o reencontro com o pai enfermo, de quem um dia se afastou por contrariá-lo na escolha do marido. Na mensagem, "trata longamente" do pai

[...] e das saudades que ela foi achar lá, das lembranças que lhe acordaram as paredes dos quartos e das salas, as colunas da varanda, as pedras da cisterna, as janelas antigas, a capela rústica. Mucamas e moleques deixados pequenos e encontrados crescidos, livres com a mesma afeição de escravos, têm algumas linhas naquelas memórias de passagem. Entre os fantasmas do passado, o perfil da mãe, ao pé o do pai, e ao longe como ao perto, nas salas como no fundo do coração, o perfil do marido, tão fixo que cheguei a vê-lo [...].¹

Aos olhos do conselheiro, a escrita epistolar nostálgica, densamente afetiva e amorosa dos detalhes, garante a Fidélia "maior valor", o qual "está, além da sensação viva e pura que lhe dão as coisas, na concepção e na análise que sabe achar nelas". À sensível apreensão da realidade, ao desvelamento de si ("página da alma"), a partir do que diz das coisas e pessoas, soma-se, segundo o julgamento do conselheiro, a apurada escrita de Fidélia, pois o texto que passou pelas suas mãos "não tem frases-feitas, nem frases

¹ ASSIS, Machado de. *Memorial de Aires*. In _____. *Obra completa*, v.1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 1130-1131.

rebuscadas; é simplesmente simples, se tal advérbio vai com tal adjetivo; creio que vai, ao menos para mim".

Em outras duas anotações no diário de Aires, a carta entra no jogo narrativo. Em 21 de maio, algum tempo antes da leitura da missiva de Fidélia, o conselheiro expede juízo desfavorável sobre a correspondência feminina, ao sentenciar que "senhoras não deviam escrever cartas; raras dizem tudo e claro; muitas têm a linguagem escassa ou escura".² Depois, em 21 de julho, fixa no caderno a decisão efetivamente levada a cabo de "rasgar cartas velhas" que lhe foram dirigidas, conservando apenas "oito ou dez para reler algum dia e dar-lhes o mesmo fim", embora julgasse que "nenhuma delas val[esse] uma só de Plínio".³ Ao fazer das epístolas do político e orador romano, que viveu entre 61 [?] e 114 da era Cristã, o parâmetro de julgamento da qualidade de um texto epistolar, Aires aponta certamente para a prevalência estética das epístolas latinas, tendo em vista que o próprio Plínio, o Moço, cuidou da publicação dos nove volumes de suas cartas, burilando a documentação à qual pretendia dar publicidade.⁴

Na confluência dessas três passagens do diário do conselheiro Aires, delineia-se um ideal de escrita epistolar. De um lado, a carta como verdadeiro "documento psicológico", em contraponto à retórica falsificadora da personalidade; de outro, a exigência da sobriedade formal ("simplesmente simples") e da clareza ("tudo e claro"), em contraste com certa expressão "escassa ou escura". Em uma terceira face, emerge a desejada dimensão artística desse gênero discursivo, tendo por ideal simbólico o que "valem" aquelas epístolas legadas pelo tribuno da Antiguidade Clássica. A personagem machadiana, que afirma "não am[ar] a ênfase" e que prefere dar "sete voltas à língua"⁵ antes de falar, parece exigir da escritura da carta "alma", engenho e arte.

Machado de Assis também perscrutou as engrenagens do gênero epistolar no artigo "Henriqueta Renan", na *Revista Brasileira* do Rio de Janeiro, em outubro de

² Idem, p. 1120.

³ Idem, p. 1133.

⁴ Ver também a análise de Hélio de Seixas Guimarães, ao refletir sobre o gesto de conservar as cartas, em relação à ambiguidade que marca a escrita do diário do conselheiro Aires. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Edusp; Nankin, 2004. p. 274-281.

⁵ ASSIS, Machado de. Memorial de Aires, cit., p. 1109 e 1162, respectivamente.

1896, focalizando o livro *Lettres intimes (1842-1845) précédés de ma Soeur Henriette* (1891). O texto, depois incorporado nas *Páginas recolhidas* (1899), aborda, de modo abrangente, a correspondência de Ernest Renan, autor de *A vida de Jesus*, com a irmã, Henriqueta, doze anos mais velha, para evidenciar o quanto esse diálogo foi decisivo na definição dos caminhos percorridos pelo pensador francês em sua juventude, bem como em sua formação moral e intelectual.

Ela, sem dizer francamente que não deseja vê-lo padre, sabe insinuá-lo; menos ainda que insinuá-lo, parece apenas repetir o que ele balbuciou. A carta dela tem a mesma ondulação que a dele. [...] A frase em que o diz é velada e cautelosa. [...] É uma série de sugestões e de esquivanças.⁶

Machado capta a sedutora pedagogia vigente nas cartas de Henriqueta, premeditada, "velada e cautelosa", para que, em evidente exercício maiêutico, o irmão consiga falar com clareza aquilo que apenas "balbucia". Nas entrelinhas das cartas, o autor distingue uma Henriqueta "melancólica", que tem "um fundo pessimista"; entretanto, ela "não se contenta de gemer; a queixa não parece que seja a sua voz natural. Aconselha ao irmão para que lute e que conte com ela para ajudá-lo".⁷

O crítico põe em relevo a singularidade dessas mensagens que exprimem "o sentimento raro, a afeição profunda, e a dedicação sem aparato daquela boa e grave Henriqueta", para concluir que "as cartas desta senhora são a sua própria alma". Por outro lado, detecta o pudor da missivista em deixar entrever traços de subjetividade, pois "raro trata de si, e quando o faz é para completar um conselho ou uma reflexão. Também não conta o que se passa em torno dela. [...] não dava tempo a desperdiçar papel com assunto alheio. Todo ele é pouco para tratar somente do irmão". Para o autor, Henriqueta solapa a própria individualidade, potencializando o senso de devotamento. Machado observa a trama discursiva e a composição textual dessas cartas, para valorizá-las: "nenhum floreio de retórica, nenhum arrebique de sabichona, mas um alinhamento natural, muita simpleza de arte, fino estilo e comoção sincera". Esse mesmo zelo

⁶ ASSIS, Machado de. Henriqueta Renan. *Páginas recolhidas* [1899]. In: _____. *Obra completa*, v.2. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1997. p. 631.

⁷ Idem, p. 628-629.

estilístico, animado pela "força do afeto", é que daria ao conjunto de cartas de Henriqueta uma perspectiva literária de largo interesse, pois "escrevem-se muitas para o prelo, alguma para a posteridade; nenhum desses destinos podia atraí-la".⁸

A correspondência de Machado de Assis, de que hoje se conhece pouco mais de duas centenas e meia de documentos, entre cartas particulares, cartas-prefácio e cartas abertas, também deixou pistas sobre os contornos de um projeto epistolográfico pessoal que buscava orientar-se, no âmbito das relações interpessoais, pelo caminho da "arte e polidez", palavras por ele empregadas no trecho final do artigo "Henriqueta Renan". Tome-se, como linha de força desse projeto, a defesa que faz da autenticidade do que escreve em carta: pediu a seu interlocutor, um dos diretores do *Jornal da Tarde*, em 14 de junho de 1870, que não confundisse "um sentimento verdadeiro com uma fórmula de ocasião",⁹ quando buscou demonstrar a impossibilidade de dar seguimento ao trabalho de tradução de *Oliver Twist*, que o periódico oferecia sob a forma de folhetim. Ou, ainda, a lapidar formulação exposta a Magalhães de Azeredo, em 11 de junho de 1900: "Esta carta valeria por três no tamanho, se eu pudesse dizer tudo nela, purgar de vez os meus pecados de silêncio; mas, não sendo assim, valha na intensidade o que perder de extensão".¹⁰ A expressão "intensa" vale, pois, pela "extensa", o que, em grande medida, convalida a contensão epistolar machadiana. Em outro passo da correspondência do autor de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, a recusa de jogos retóricos quer abrir espaço para a emulação da naturalidade: "a gente escreve e espera, e a conversação faz-se como em uma sala", explana ao mesmo remetente, em 30 de junho de 1901.¹¹

Assim, a carta na ficção, a crítica sobre um livro de correspondência e a epistolografia de Machado de Assis, concentrando certos aspectos considerados pelo

⁸ Idem, p. 628. Todos os trechos citados no parágrafo encontram-se nessa página.

⁹ ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*: tomo II – 1870-1889. Coordenação e orientação Sérgio Paulo Rouanet; reunida, organizada e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, 2009. p. 17. Doravante, neste texto, os trechos retirados desse volume serão indicados pela sigla CMA-II; todos tiveram a ortografia atualizada.

¹⁰ ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969. p. 200. Doravante, neste texto, os trechos retirados desse volume serão indicados pela sigla CMM; todos tiveram a ortografia atualizada.

¹¹ CMM, p. 224.

escritor mais fecundos no gênero, sinalizam um ideal de escrita no diálogo a distância. Alguns valores podem ser desentranhados desses textos: a carta afirma-se como espelho da "alma",¹² rejeita-se o virtuosismo linguístico falseador da *persona* epistolar, tanto quanto a ênfase narcísica; aspira-se à concisão e ao despretenso apuro da forma.

"Basta de mim"

Em uma primeira leitura, o traço mais saliente da práxis epistolar machadiana caracteriza-se pela drástica contenção no âmbito das confidências pessoais, ou da "intimidade". Em relação a essa palavra, não custa, preliminarmente, recuperar o tom irônico do conselheiro Aires quando se refere à exposição da vida privada na imprensa, de que vinha sendo testemunha e cuja agressiva intensificação ele prevê com agudeza:

[...] gosto de ver impressas as notícias particulares, é bom uso, faz da vida de cada um ocupação de todos. Já as tenho visto assim, e não só impressas, mas até gravadas. Tempo há de vir em que a fotografia entrará no quarto dos moribundos para lhes fixar os últimos instantes; e se ocorrer maior intimidade entrará também.¹³

Quando Machado de Assis, no espaço sigiloso das cartas, permite-se o desvelamento de passagens de sua biografia, a formulação resulta, via de regra, epigramática. À Carolina, aquela que seria a futura esposa, em 1869, nos primeiros tempos de aproximação apaixonada, desenha a sua trajetória amorosa pregressa em poucas linhas: "A minha história passada do coração resume-se em dois capítulos: um amor, não correspondido; outro, correspondido. Do primeiro nada tenho que dizer; do outro não me queixo; fui eu o primeiro a rompê-lo."¹⁴ Ao amigo José Veríssimo, mostrando-se avesso a viagens,

¹² Em *De elocutione*, o primeiro tratado conhecido que se refere ao gênero epistolar, o grego Demétrio, que viveu entre os séculos I a.C e I d.C, escreve: "a carta, como o diálogo, deve ser abundante em traços de caráter. Podemos dizer que todos revelam a própria alma em suas cartas". Cf. MORAES, Marcos Antonio de. Três documentos que interessam à história da carta. *Calendário de extensão e cultura* (USP). São Paulo, out. 2003 (Memória Postal), p.2-3. O trecho aqui transcrito foi traduzido da versão inglesa por Bianca Ribeiro Manfrini.

¹³ ASSIS, Machado de. Memorial de Aires, cit., p.1184.

¹⁴ ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*: tomo I – 1860-1869. Coordenação e orientação Sérgio Paulo Rouanet; reunida, organizada e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/ Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional,

Machado sintetiza uma vida arraigada à Corte: "Eu sou um peço fruto da capital, onde nasci, vivo e creio que hei de morrer".¹⁵ A Magalhães de Azeredo, em 1903, que lhe pedira subsídios – arrolamento de obras e "todos os elementos biográficos, intelectuais, morais" formadores do escritor –, para um "estudo crítico" em mira, o criador de *Dom Casmurro* responde, cordialmente e lacônico: "acerca das notas minhas e da minha formação, juntarei o que me indica e o mais que valer. A minha vida em si não teve nem tem relevo; vai passando, como tantas outras, salvo na parte literária, em que, não o fruto, mas o esforço pode significar alguma coisa." Concluindo ludicamente a questão, mede a vida "sem relevo" pela extensão do escrito biográfico que seguirá: "Logo que possa coligir matéria que valha mandar-lha-ei dentro de uma folha de papel".¹⁶

Ao compartilhar notícias pessoais em suas cartas, Machado de Assis frequentemente se mostra evasivo. Em 1904, a José Veríssimo, que lhe escreve contando "notícias [...] pessoais e de família", escamoteia o assunto: "as minhas são as de costume".¹⁷ Ou, ainda, endereçando-se ao mesmo amigo, anos depois, atribui a outrem a incumbência de transmitir notícias circunstanciadas sobre a saúde frágil: "Ontem passei o dia relativamente melhor, apesar de muito enfraquecido e muito desanimado; o Mário [de Alencar] lhe dirá sobre isto alguma coisa".¹⁸ A Magalhães de Azeredo, em 1898, esquivando-se da via da intimidade, com certo humor desencantado, escreve de modo sibilino: "Para dizer-lhe alguma coisa de mim, vou fazendo o que posso, e é pouco, e não sei se por muito tempo".¹⁹

O missivista pode lançar mão de fórmulas bruscas que sustam ao meio o relato pessoal. O enunciado "basta de [...] mim",²⁰ na carta a Azeredo, em 1894, torna-se paradigmático desse procedimento textual. A suspensão do assunto pode vir

2008. p.258. Doravante, neste texto, os trechos retirados desse volume serão indicados pela sigla CMA I; todos tiveram a ortografia atualizada.

¹⁵ ASSIS, Machado de. *Correspondência*. Coligida e anotada por Fernando Nery. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc. Editores, 1938. p. 147. Doravante, neste texto, os trechos retirados desse volume serão indicados pela sigla C; todos tiveram a ortografia atualizada.

¹⁶ CMM, p. 249.

¹⁷ C, p. 218.

¹⁸ C, p. 236.

¹⁹ CMM, p. 155.

²⁰ CMM, p. 24.

acompanhada de justificativas que supõem aliviar o interlocutor de conversa fastidiosa. Assim, dirigindo-se ao jovem amigo, nesse mesmo ano, evita entrar na seara da própria atividade profissional: "Contar-lhe a minha vida administrativa seria, além de lhe tomar tempo, tomá-lo às letras, que por si mesmas não dão desgostos, e muita vez os fazem esquecer ou minorar."²¹ Do mesmo modo, em 1904, na carta a José Veríssimo, Machado comunica o atraso em uma viagem, "tudo por causa da parede [greve] dos carroceiros e cocheiros", para, em seguida, abreviar a matéria: "Não entro em pormenores que já enfadam".²² Mesmo quando se trata de assunto pessoal espinhoso (a morte de Carolina), no qual seria perfeitamente legítima ao remetente a expansão dos sentimentos, o mecanismo textual cerceador se impõe: "Ainda agora padeço os efeitos do golpe que recebi há seis meses. Perdi uma companheira de trinta e cinco anos, a mais doce e carinhosa das criaturas, e perdi-a para ficar só, totalmente só na vida. Isto lhe digo assim rapidamente para não aborrecê-lo com as minhas tristezas [...]".²³ Ao escritor desagradam queixas ("basta de lamúrias");²⁴ não quer a carta como receptáculo de lamentos: "Estes meus últimos dias têm sido de enfado e naturalmente não é assunto que procure o papel", assegura a Mário de Alencar, em 1907.²⁵

Não obstante o firme desígnio de diluição da escrita de si nas cartas, motivado, em certa medida, pelo pudor de constranger o destinatário ("desculpe-me se a maior parte do que lhe disse foi a meu respeito"),²⁶ as cartas de Machado de Assis deixam entrever, em certas ocasiões, procedimentos de autorrepresentação de grande densidade crítica. Nas fissuras da máscara epistolar (*persona*) que se pretende pouco expressiva, reside também a possibilidade de revelação de feições genuínas do rosto. Em 1882, dirigindo-se a Joaquim Nabuco, desvenda-se como "espírito desencantado de um budista", em contraponto ao amigo, visto como "um grego dos bons tempos da Hélade". O sentido da comparação, reveladora de um *ethos*, vem acompanhado do jogo que

²¹ CMM, p. 148.

²² C, p. 204.

²³ CMM, p. 261.

²⁴ CMM, p. 253.

²⁵ ASSIS, Machado de. *Empréstimo de ouro: cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho e Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2009. p. 51. Doravante, neste texto, os trechos retirados desse volume serão indicados pela sigla EO; todos tiveram a ortografia atualizada.

²⁶ CMM, p. 251.

demanda a cumplicidade no trabalho de decifração de si: "Com essa simples indicação você me compreenderá".²⁷ Ou seja, pressupõe que o destinatário possa completar o retrato apenas sugerido em tintas fortes. A apurada consciência da autorrepresentação traz à carta a percepção das camadas que solapam o rosto. Nessa direção, em resposta à crítica que Magalhães de Azeredo lhe dedicara em 1898, Machado confidencia:

A parte relativa ao que se achou de humorismo e pessimismo nos últimos livros é tratada com fina crítica, e acerta comigo, cuja natureza teve sempre um fundo antes melancólico que alegre. A própria timidez, ou o que quer que seja, me terá feito limitar ou dissimular a expressão verdadeira do meu sentir, sem contar que a experiência é vento mais propício a estas flores amarelas... [...] sou enfermo.²⁸

Em outro momento da correspondência, reitera-se o sentido da "dissimulação", quando o escritor afirma que se considera um "temperamento melancólico, apenas encoberto por um riso já cansado."²⁹

A epistolografia machadiana, embora intente de modo programático o esfumaçamento da figuração do remetente, faculta a autorrepresentação problematizadora. A nota dominante, contudo, impõe a equivalência entre escrita epistolar e convívio social, no diapasão do testemunho de Mário de Alencar sobre a discrição do amigo que "procurava conversar, ser amável, não importunar os outros com o seu sofrimento; aliás, fora sempre esse o seu modo de ser: 'Nunca se deve falar de si', dizia a miúdo."³⁰

"Entre pose e atitude"

A comedida escrita epistolar de Machado de Assis foi inicialmente vista pela crítica literária como expressão cabal do formalismo no manejo do gênero. Em 1932, em face da publicação da *Correspondência* do escritor, Agripino Grieco afirma não

²⁷ C, p. 38-9.

²⁸ CMM, p. 147.

²⁹ CMM, p. 207.

³⁰ Citado por: PEREIRA, Lúcia Miguel. Ao pé do leito derradeiro. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. [1936]. 6. ed. rev. Belo Horizonte: Itatiaia; Edusp, 1988. 262-263.

encontrar "uma assinatura inconfundível" nesses documentos. Para ele, tratava-se, antes, de "simples epístolas convencionais" que correspondiam a uma prosaica precaução do escritor em resguardar o *status quo*: "Haveria [...], a conter-lhes as expansões de franqueza, o receio de que as missivas caíssem sob olhos indiscretos e viessem a comprometê-lo no Ministério da Viação, na Academia de Letras ou na livraria Garnier". Como termo de comparação, anulando o vigor das cartas de Machado, Grieco projeta a figura do criador de *Madame Bovary*: "Ah! a corajosa franqueza de um Flaubert em suas epístolas, seja no louvor ou na invectiva!".³¹

O crítico Augusto Meyer, em 1935, e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira, em 1936, depreciaram a epistolografia de Machado de Assis, ao contrastá-la com a sua produção literária. Augusto Meyer supõe que os escritores de ficção "se confessam através das encarnações imaginárias, indiretamente, com uma sinceridade mais honesta do que na correspondência ou nos cadernos íntimos"; confirma a hipótese com "a correspondência de Machado de Assis [que] é um modelo de discreta insignificância".³² Lúcia Miguel Pereira vê um "abismo" entre o romancista "dissecador de almas" e o "espírito trivial" que se manifestava nas "atitudes do grande escritor" e na correspondência. A literatura, para ela, então, era a estrada real para o conhecimento do "verdadeiro Machado"; a carta apenas refletia o "convencionalismo dos gestos".³³

Em 1984, o ensaísta Alexandre Eulálio buscará superar o estrito confronto entre a literatura e a produção epistolar de Machado de Assis. "De modo geral", contudo, considera que "tem sempre razão Augusto Meyer", pois "é certo que a escrita decorosa, contida, sem dúvida amaneirada das cartas constitui uma das dependências menos atraentes do texto machadiano. Sequência de sorrisos mais ou menos amarelos e ademanos bem educados, buscavam corresponder à imagem que o próprio acreditava os outros esperassem dele". Ao ler as cartas do escritor em conjunto, Eulálio atribui a elas valor documental, ou seja, de testemunho da obra e do tempo; procura também compreendê-las nos diversos diálogos constituídos e em sua especificidade discursiva.

³¹ GRIECO, Agripino. A correspondência de Machado de Assis. *Boletim de Ariel*, n. 6. Rio de Janeiro, ano 2, mar. 1932. p. 4.

³² MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986. p. 199.

³³ PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In:_____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, cit., p. 19-27.

Distingue nelas "certa efusão que alguma vez pode ingressar na área da criatividade literária". A formulação é instigante, porque sugere que uma avaliação mais atenta desses documentos poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça por se esconder, tanto quanto o apuro estilístico a caminho da literatura. Avançando no caminho das possibilidades de leitura, ao explorar em profundidade uma única missiva do escritor, situada "na área de proximidade afetiva familiar", o ensaísta vislumbra intervenções críticas mais profícuas:

Esses escritos dispõem de certa afabilidade nostálgica, sempre polida e distante, mas que se deixa permear por outra qualidade de abandono, menos convencional dentro das mesmas convenções que celebra. Um deixar-se ir que se situa entre pose e atitude, no qual o compromisso do escritor, sem se desatar, permite-se certa liberalidade expansiva que oferece, desse modo, outra pauta para o registo do perfil psicológico do missivista.³⁴

Marília Rothier Cardoso, em 1985, situa as cartas de Machado de Assis entre duas balizas interpretativas. Uma repisa o parâmetro literário, determinando que, "mais se lê os contos e, principalmente, os romances machadianos, mais ressalta a distância entre estes e o bom comportamento de suas cartas – perfeitamente integradas à farsa do jogo social de que participavam". A outra contrapõe o autor de *Dom Casmurro* ao escritor modernista Mário de Andrade, nas mãos de quem a carta se tornou instrumento potente para fixar um perfil autobiográfico, conduzir projetos estéticos coletivos e testemunhar a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945. De Mário, aliás, veio a bem-humorada concepção da epistolografia do modernismo, como "forma espiritual de vida em nossa literatura", em contraponto àquela da época de Machado, na qual,

[...] com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as

³⁴ EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs.). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuetos sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura.³⁵

A ensaísta, emparelhando cartas de Machado e Mário, se dá conta de que o autor nascido no século XIX "mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais"; o criador de *Macunaíma*, pela vez dele, "desobedece norma, buscando inventar novas jogadas."³⁶

Em ensaios mais recentes, a produção epistolar de Machado de Assis afirma-se em sua autonomia produtora de significados, sinalizando, dessa forma, a necessidade da aquisição de instrumental teórico, metodológico e crítico específico para analisá-la. Maria Helena Werneck, em 2000, localiza nas cartas de Machado "inesperados traços do individualismo grego". Passando ao largo de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o "corpo" do autor entranhado na escritura epistolográfica, apurando o olhar, inclusive, à procura dos indícios físicos, pois "a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro".³⁷ Em 2008, o estudo de Maria Cristina Cardoso Ribas, realizando uma interpretação intrínseca dos textos, se propôs a "considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas."³⁸

Essa passagem pela fortuna crítica das cartas de Machado de Assis detecta a precariedade de algumas interpretações enraizadas no biografismo, tanto quanto mostra a insuficiência das comparações entre autores de épocas diferentes, sujeitos a códigos

³⁵ ANDRADE, Mário de. Amadeu Amaral. In: _____. *O empalhador de passarinho*. 3. ed. São Paulo: Martins; Instituto Nacional do Livro-MEC, 1972. p. 182-183.

³⁶ CARDOSO, Marília Rother. Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis. *O Eixo e a Roda*, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

³⁷ WERNECK, Maria Helena. "Veja como ando grego, meu amigo": os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs.). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143.

³⁸ RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008. p. 30.

retóricos e sociais diversos. Mostra também enfoques mais produtivos. Suscita perspectivas de abordagem mais profundas como, por exemplo, aquela que propõe o contraste dos vários diálogos epistolares constituídos por Machado, definidores de *personae*. Nesse sentido, as interlocuções mais extensas sustentadas pelo escritor podem dar a conhecer autorrepresentações, estratégias discursivas, ideários críticos, projetos literários e empreendimentos culturais. Machado e José Veríssimo, nas cartas, revezam-se nos papéis de escritor e de crítico; trocam opinião sobre a produção de terceiros, iluminando caminhos e limites da crítica literária brasileira, em busca da almejada consolidação. Machado e Joaquim Nabuco carteadores – o homem (essencialmente) de letras e o homem (essencialmente) político – exercem, com idênticos vigor e engajamento, a política literária, em particular na esfera acadêmica; será Nabuco a flagrar "bondades largamente derramadas" nas cartas de Machado de Assis, em contraposição à imagem daquele que se ia caracterizando pelo cultivo da "vesícula do fel", na "filosofia social" e nos romances.³⁹ Machado e o jovem diplomata Magalhães de Azeredo encenam o encontro do pródigo mestre com o ambicioso discípulo, colocando em marcha a engrenagem da pedagogia machadiana. O moço valoriza nas mensagens recebidas o "prazer da [...] conversa, tão elevada e conceituosa, tão rica de espírito e de bondade";⁴⁰ agradece os "conselhos", consciente de que tem "lucrado intelectualmente" com as cartas recebidas.⁴¹ O mestre, pela vez dele, tem "fé no [...] futuro"⁴² do discípulo e aspira a que seus ensinamentos ecoem na posteridade:

Espero que, uma vez entrado nos seus cinquenta anos, não se haverá esquecido de mim e de algumas palavras que me ouviu *outr'ora*. Aos rapazes que então começarem, se os achar com as suas qualidades, diga-lhes o que lhe disse, e espere como eu espero que a semente caia em boa terra.⁴³

³⁹ C, p. 81-82.

⁴⁰ MCC, p. 26.

⁴¹ MCC, p. 87.

⁴² MCC, p. 60.

⁴³ MCC, p. 59.

Ganha terreno também, mais acertadamente, o instrumental analítico que investiga o discurso epistolar em sua imanência, como espaço das estratégias de autorrepresentação e da possível "literariedade" ("criatividade literária"), bem como em sua capacidade de espelhar uma intrincada rede de sociabilidade intelectual e artística. Em outra seara inexplorada, pouco se fez no sentido de situar a epistolografia machadiana entre a "pose" (os ditames previstos nos manuais epistolares amplamente difundidos no Brasil do XIX, como o *Código do bom-tom* e *Novo secretário português*, de J. I. Roquete) e as peculiaridades discursivas das cartas de Flaubert, Taine, Renan, Schopenhauer, por exemplo, cujas edições Machado teve em sua biblioteca particular.⁴⁴ Caberia, por fim, buscar uma apreciação do "valor documental" das cartas, conforme a sugestão de Alexandre Eulálio.

"Eventos e circunstâncias"

Em 21 de abril de 1908, Machado de Assis atende o apelo de José Veríssimo, confrade da Academia Brasileira de Letras, deixando a ele "a autorização de recolher e a liberdade de reduzir as letras que lhe pare[cessem] merecer divulgação póstuma", considerando, entretanto, "que de tantas cartas [...] a amigos e a estranhos [...] nada interessante" se pudesse apurar, "salvo as recordações pessoais que conservarem para alguns". Machado acreditava que o justo rigor no julgamento desses escritos da vida privada, assim como "o tempo decorrido e a leitura [...] da correspondência" convencessem Veríssimo de que seria "melhor deixá-la esquecida e calada".⁴⁵ A contrapelo da modéstia e da atitude reservada de Machado de Assis, Veríssimo argumenta em favor das cartas do amigo, consideradas "literariamente, e ainda como documento psicológico e testemunho do [...] tempo".⁴⁶

Se, na argumentação de José Veríssimo, parece evidente a valoração da carta de Machado de Assis como manancial de dados autobiográficos e memorialísticos, é provável que, ao recuperar o parâmetro literário ("literariamente"), esteja referindo-se

⁴⁴ Cf. VIANNA, Glória. Revendo a biblioteca de Machado de Assis. In: JOBIM, José Luís (Org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Topbooks, 2001. p. 99-274.

⁴⁵ C, p. 229.

⁴⁶ C, p. 231.

apenas ao apuro linguístico/estilístico das mensagens e não a possíveis testemunhos da criação da obra do amigo. Em 1897, Magalhães de Azeredo, em artigo na *Revista Moderna* de Paris, tangencia a qualidade estética das cartas de Machado de Assis, ao avaliar a linguagem do escritor, por ele considerada ao mesmo tempo "clássica" e "moderna". Para o crítico, Machado exprime-se de modo "sóbrio, exato, singelo por gosto e não por pobreza de vocabulário"; "não descarta o relevo e as qualidades musicais do período; tem o hábito da frase bem feita, de tal jeito que as suas crônicas, e não raro as suas cartas, se podem ler como páginas de livro".⁴⁷

Não estava no elenco de possibilidades da época, pelo menos no campo intelectual brasileiro, a inserção, na carta, de testemunhos da engrenagem do fazer literário, no que isso significa a realização de mergulhos profundos no processo de criação (reflexão sobre as hesitações da escritura, história das versões de um texto etc.). Pelo menos, é isso que se depreende da leitura da correspondência brasileira do século XIX, publicada ou conservada em arquivos. Hoje, um dos principais alvos do pesquisador da epistolografia de escritores é a busca daquilo que o crítico francês José-Luis Diaz denominou "estados de criação" de uma obra. Nesse sentido, a carta também participa dos "arquivos da literatura",

[...] pois, se elas às vezes se contentam em mencionar uma obra em processo de criação, elas também permitem, em alguns casos exemplares, seguir – quadro a quadro – suas diversas fases: do projeto informe, ainda mal desenhado, nomeado com dificuldade, até a publicação do livro, seguida de sua recepção pela crítica (que a carta comenta) e, enfim, o seu lento e inexorável esvanecimento nas águas turvas da memória (da qual a série de cartas pode se tornar o doloroso testemunho)...⁴⁸

Um levantamento prévio de cartas de Machado de Assis que trazem à tona aspectos de sua produção literária abre a perspectiva de compreensão da natureza desses testemunhos. Trata-se, efetivamente, de aquilatar a abrangência e a profundidade

⁴⁷ AZEREDO, Carlos Magalhães de. Machado de Assis. In: _____. *Homens e livros*. Paris; Rio de Janeiro: H. Garnier, 1902. p. 184.

⁴⁸ DIAZ, José-Luis. Qual genética para as correspondências? Trad. Cláudio Hiro e Maria Sílvia Ianni Barsalini. *Manuscrita: Revista de Crítica Genética*, n. 15. São Paulo: 2007. p. 123. Publicação original: *Quelle génétique pour les correspondances? Genesis: Revue Internationale de Critique Génétique*, n. 13. Paris: Jean Michel-Place, 1999. p. 11-31.

reflexiva dos relatos, bem como a singularidade das formulações enunciativas epistolares, no que se refere ao memorialismo literário do escritor. Preliminarmente, três vertentes de análise das cartas revelam-se profícuas, conforme elas fixam: depoimentos do autor sobre projetos e processos de criação; aspectos da história da circulação das obras; e avaliações pessoais relativas à repercussão dos livros, tanto no espaço sigiloso da troca epistolar, quanto na imprensa. Nessas trilhas, privilegiam-se, aqui, os traços mais expressivos ou paradigmáticos das notícias e reflexões compartilhadas por Machado, sem valorizar certos destinatários ou alguma de suas obras em particular, o que se fará mais adiante, quando entrar em pauta o processo de criação de *Memorial de Aires*.

Em 1868, Joaquim Serra escreve a Machado de Assis, pedindo notícias de um "romance", cujos primeiros capítulos o amigo lhe havia anunciado.⁴⁹ O verbo "anunciar", escolhido bem a propósito, significa "noticiar", e não propriamente compartilhar algum dado sobre a movimentação nos bastidores da criação, propósitos estéticos etc. O escritor efetivamente "anuncia", sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui "um livro no prelo", "alguma coisa que te[m] em mãos" (mas não sabe se acabará); a publicação de "certo número de páginas",⁵⁰ de "retalhos inéditos e impressos"⁵¹ ou "de escritos que andam esparsos".⁵² Confidencia que está "acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes".⁵³ Acha "provável" publicar algo em 1898, tudo dependendo "de eventos e circunstâncias".⁵⁴ Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. Em 1901 envia a reedição, "em um só volume", de três livros de versos, obra à qual acrescentou uma "quarta parte"; revela escolhas ("Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro

⁴⁹ CMA, p. 219.

⁵⁰ Na sequência: CMM, p. 42; CMM, p. 148; e CMM, p. 268.

⁵¹ DIMAS, Antonio. Uma visita a Oliveira Lima Library: cartas de Jackson de Figueiredo (11), Nestor Vitor (1), Machado de Assis (6) e Aluizio Azevedo (1). *Língua e Literatura*, v. 6. São Paulo: Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1977. p. 339-368. A carta está na página 365. Doravante, neste texto, os trechos retirados desse volume serão indicados pela sigla AD; todos tiveram a ortografia atualizada.

⁵² CMM, p. 148.

⁵³ CMM, p. 155.

⁵⁴ CMM, p. 112.

também")⁵⁵ e revezes ("arrependi-me de alguns cortes").⁵⁶ Nesse caso em particular, Machado oferece ao destinatário, em 1901, detalhes importantes que teriam presidido a decisão de retirar os versos do poema "Menina e moça": "Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: 'Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon,' que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la."⁵⁷

Atrelando-se à ideia de "processo" editorial, em sentido lato, Machado procura, nas cartas, historiar as "incorreções" tipográficas detectadas em suas obras, mostrando-se consciente dos desvirtuamentos e, de alguma forma, constituindo o interlocutor testemunha desse saber. Em 1898, conta ter em mãos "uma 2ª edição de *Iaiá Garcia* a ser posta à venda. Traz algumas incorreções, mas em pequeno número e de menor monta que as das novas edições das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, e de *Quincas Borba*, a primeira principalmente".⁵⁸ No ano seguinte, enfrenta novos dissabores: "A casa Garnier reimprimiu ultimamente um dos meus livros mais antigos, os *Contos fluminenses*; fê-lo sem que eu houvesse revisto o trabalho, e (creio que por equívoco) sem aviso prévio, e sem lhe pôr a nota de que era edição nova".⁵⁹ Algumas cartas também convalidam a inautenticidade textual das crônicas que publicava na coluna "A Semana" de *A Gazeta*, afinal "raro saíram com pequenas trocas de letras, trazem sempre erros mais ou menos graves",⁶⁰ "palavras trocadas",⁶¹ não obstante "algumas vezes" remeter a correção, "as mais delas", contudo, calando-se.⁶² A filologia e a crítica textual, como se sabe, bebem dessa importante fonte documental, no trabalho de restituir textos fidedignos, base de interpretações literárias que se pretendam consistentes.

⁵⁵ CMM, p. 224.

⁵⁶ CMM, p. 228.

⁵⁷ CMM, p. 228.

⁵⁸ CMM, p. 155.

⁵⁹ CMM, p. 181.

⁶⁰ CMM, p. 68.

⁶¹ CMM, p. 47.

⁶² CMM, p. 68.

Mais próximo das entranhas do processo escritural, região de dúvidas e incertezas, Machado de Assis, excepcionalmente, deixa o interlocutor espiar a criação pelo buraco da fechadura:

o livro em que trabalho é ainda um romance. Não estou certo do título que lhe darei; já lhe pus três, e eliminei-os. O que ora tem é provisório; ficará, se não achar melhor. Disse-lhe romance, mas subentenda que no gênero do meu *Quincas Borba*, o melhor que se acomoda ao que estou contando e à minha própria atual feição.⁶³

Pela mesma fresta, raramente livre de anteparos, o escritor deixa entrever situações que iluminam as condições materiais e a ambientação do processo de criação. Assim, confessa que ditou a Carolina "creio que meia dúzia de capítulos" das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, enquanto esteve doente,⁶⁴ como também revela um pouco da contingência de seu labor literário, pertinaz, entrincheirado nas folgas do funcionário público. Permite divisar um pouco da história da produção da obra, ao indicar o tempo de uma "última demão" no ensaio "Instinto de nacionalidade",⁶⁵ bem como a leitura das "segundas provas" de *Dom Casmurro*.⁶⁶ Traz a lume as condições em que produz, "nas horas que me sobram do trabalho administrativo",⁶⁷ relatando que não trabalha "continuadamente", mas em "grandes" intervalos de dias, até semanas; em 1898, afirma que "não escrev[e] seguidamente", pela "fadiga dos anos" ou por se sentir assombrado pelo "mal" (a epilepsia) que o "acompanha", obrigando-o a interromper os passos da produção literária.⁶⁸

A circulação dos livros de Machado reflete-se em suas cartas no oferecimento de exemplares a amigos ou nas notícias das reedições de suas obras. O envio dos livros pode vir acompanhado de julgamentos próprios ou de pedidos de parecer. Assim, o romance *Ressurreição*, para o autor, "vale pouco", porque "como dizia um patrício [...]

⁶³ CMM, p. 47.

⁶⁴ CMM, p. 41.

⁶⁵ CMA II, p. 82.

⁶⁶ CMM, p. 181.

⁶⁷ CMM, p. 42.

⁶⁸ CMM, p. 155.

– o coração só dá bagatelas";⁶⁹ dos versos *Americanas*, tendo notícia de que "agradaram algum tanto", quer saber do destinatário "o que isso vale";⁷⁰ de *Helena*, "dizem aqui que dos meus livros é o menos mau; não sei; lá verás".⁷¹ Sobre *Dom Casmurro*, pede a opinião de Magalhães de Azeredo, "se não estar[ria] chegando ao fim".⁷² Como se nota, a modéstia e a aparente displicência não escondem o interesse do autor em angariar impressões de seus pares. A difusão da obra machadiana pode igualmente ser medida pelas novas tiragens das obras, mencionadas nas missivas:

A casa Garnier fez uma nova edição das minhas *Memórias póstumas de Brás Cubas*. É a terceira, contando por primeira a publicação na antiga *Revista Brasileira*. Vai também sair uma edição nova do *Quincas Borba*, cuja primeira edição data de 1891, e estava esgotada. O primeiro livro há muito que o estava.⁷³

A correspondência de Machado de Assis, em certas oportunidades, logra espelhar a recepção crítica de seus livros, oriunda do julgamento de seus interlocutores em cartas ou por meio da imprensa. A Franklin Dória, em 1884, o escritor agradece a mensagem "com a aprovação" das *Histórias sem data*, cumprindo os ritos da cordialidade, sem deixar de evocar, em uma pincelada contundente, a situação pouco favorável ao ofício de escritor: "vou fazendo como posso esses meus livros, e um pouco também como no-lo permitem as nossas circunstâncias literárias".⁷⁴ Resenhas estampadas em periódicos suscitam, do mesmo modo, a reação do autor, reverberando nos diálogos epistolares. A José Carlos Rodrigues, em 1873, que o censura pelas "passagens menos recatadas" de *Ressurreição*, Machado assegura que o "aborre[ce] a literatura de escândalo", preceito que o orientou a resguardar-se desse "escolho no [...] livro". Engaja-se, por fim, na firme orientação balizadora de seus escritos: "se alguma

⁶⁹ CMA II, p. 80.

⁷⁰ CMA II, p. 110.

⁷¹ CMA II, p. 124.

⁷² CMM, p. 195.

⁷³ CMM, p. 111-112.

⁷⁴ CMA II, p. 275.

coisa me escapou, espero emendar-me na próxima composição".⁷⁵ A José Veríssimo, em 1889, que propõe um reparo à comédia *Tu, só tu, puro amor...*, agregada às *Páginas recolhidas*, Machado de Assis concorda, "tanto mais que, ao escrevê-la, senti[u] alguma estranheza".⁷⁶ Outra carta, a Magalhães de Azeredo, informa que *Dom Casmurro* resultou em "surpresa para toda a gente", "falaram sobre ele o Artur Azevedo, ontem, e o José Veríssimo, hoje, ambos com grande simpatia, mas o Veríssimo com mais desenvolvida crítica, segundo costuma".⁷⁷ Em 1908, como se verá adiante, as leituras do *Memorial de Aires* ecoam com intensidade nas cartas do autor.

Magalhães de Azeredo será o destinatário da mensagem de Machado de Assis na qual intenta o aprofundamento nas camadas de significação da própria obra, sendo, portanto, um consistente lastro da autoconsciência do escritor em relação a seu projeto estético. O romancista, em 1898, responde ao amigo que, tendo divulgado na *Revista Moderna*, em Paris, o ensaio biobibliográfico "Machado de Assis", quis saber se havia conseguido "interpret[ar]" o "temperamento", "opiniões" e "processos" do autor. Na mensagem, Machado oferece pistas valiosas sobre a sua cosmovisão, mas elabora, em todo caso, um testemunho enviesado, consubstanciando-se em juízo crítico especular; do mesmo modo que, no campo da escrita de si, retém a pena que esboça a própria imagem, cerceia o voo que, se completado, resultaria certamente em um precioso autorretrato do homem de letras mais "demolidor"⁷⁸ da literatura brasileira, nascido no século XIX:

[...] respondo que a minha organização moral e mental é essa mesma que ali define; pelo menos, a leitura do seu escrito produziu em mim a sensação de um reflexo. O meu pessimismo é esse mesmo que ali analisa. Sobre os meus processos literários creio também não ter que divergir, salvo sempre o que implicar louvor em boca própria. Por exemplo, é certo que sou parco em descrições; e, quanto aos quadros naturais, raro achará nos meus livros. Não é, relativamente a estes, que

⁷⁵ CMA II, p. 82.

⁷⁶ C, p. 169. Eis a restrição de José Veríssimo no artigo "Páginas recolhidas", no *Jornal do Commercio*, em 18 de setembro de 1899: "Só uma expressão encontrei que talvez não pudesse Camões dizer: 'O amor é a alma do Universo'. Parece-me um anacronismo. Ou me engano ou o conceito é do nosso tempo. Não penso, aliás, que o escritor não tivesse o direito de atribuí-lo ao poeta." Ver: MACHADO, Ubiratan (Org.). *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003. p. 219.

⁷⁷ CMM, p. 195.

⁷⁸ AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Homens e livros*, cit., p. 184.

eu não receba a impressão estética que eles dão, é a minha preocupação exclusiva do homem que toma o papel todo nos meus escritos; mas talvez esteja disfarçando com isto uma virtual incompetência técnica. Não digo mais para não dissertar, em vez de limitar-me à parte afirmativa da resposta que me pediu, e aí vai.⁷⁹

"Definitivamente o meu último"

"Tinha um livro em projeto e início, mas não vou adiante. Sinto-me cansado, estou enfermo, e falta-me gosto", lastima Machado de Assis, escrevendo a Oliveira Lima em 5 de fevereiro de 1906.⁸⁰ Na gênese do *Memorial de Aires* mesclam-se a saúde combalida e a aguda solidão do escritor que, em 1904, enviuvou. A elaboração do livro arrasta-se sob o signo do desânimo. Avança, assombrada pelo sentimento da aproximação da morte. Em 7 de fevereiro de 1907, escreve a Joaquim Nabuco: "não sei se terei tempo de dar forma e termo a um livro que medito e esboço; se puder, será certamente o último."⁸¹ O trabalho lento, aparentemente girando em falso, estaca-se de tempos em tempos: "estou agora inteiramente parado no que quisera fazer andar",⁸² queixa-se a Mário de Alencar, em 18 de março desse mesmo ano; no dia 28, vislumbra o bom termo da narrativa: "o meu trabalho teve uma interrupção de dias [...]. Agora quero ver se acabo a leitura e faço o remate".⁸³ O "muito trabalhar" (que talvez incluísse a elaboração da obra) desencadeia no ficcionista, em 11 de abril, "alguns fenômenos nervosos".⁸⁴

As pegadas do processo de criação se eclipsam nesse momento, ressurgindo na carta de Mário de Alencar ao autor, em 16 de dezembro de 1907, quando oferece as primeiras impressões do romance, a partir da leitura do "exemplar de provas". Tratava-se claramente de uma deferência, reconhecida pelo remetente, de que, podendo ter "sob os [...] olhos", em primeira mão, a narrativa, havia merecido a "intimidade" do mestre. O encontro do leitor com o discreto autor, nos bastidores da criação, permitirá, ao

⁷⁹ CMM, p. 138-139.

⁸⁰ AD, p. 364-365.

⁸¹ C, p. 112.

⁸² EO, p. 51.

⁸³ EO, p. 61

⁸⁴ EO, p. 69.

primeiro, aproximar ficção e vida, para "adivinhar", na "figura verdadeira e sagrada de D. Carmo", a transfiguração estética de Carolina. Reconhece o intento de Machado de Assis, compreendendo, então, na força do afeto coado na ficção, o porquê de o autor dizer "que este seria o seu último livro."⁸⁵ Na resposta, em 22 de dezembro, Machado reconhece que o jovem amigo "leu com alma", correspondendo à "confiança" depositada nele; confirma ainda a exatidão de quem "achou o modelo íntimo de uma das pessoas do livro", construída "completa, sem designação particular, nem outra evidência que a da verdade humana". Repisa no julgamento de que tinha chegado ao "último livro".⁸⁶

Em relação ao "modelo de D. Carmo", quando o livro já se encontrava no prelo da H. Garnier, na França, em fevereiro de 1908, Mário de Alencar e Machado ajustam o "completo segredo".⁸⁷ Da obra em processo, uns poucos amigos do escritor, confrades da Academia Brasileira de Letras, têm conhecimento: José Veríssimo, Graça Aranha e, por meio deste, Magalhães de Azeredo. O autor ambiciona o "silêncio", embora desconfie de que se já divulgue a novidade. Em 8 de maio, estende a informação a Joaquim Nabuco, como "uma confidência", daquele que seria o "último livro", para descansar depois.⁸⁸ Em 28 desse mês, repete a ele a notícia, "um livro [...] e é o último", porque com "sessenta e nove anos", completados dias antes, em 21, não teria "tempo nem força de começar outro".⁸⁹ Segundo se depreende de carta de José Veríssimo, em meados de julho, o *Memorial de Aires* já devia estar nas montras da livraria e nas mãos de alguns amigos mais próximos do romancista. Ao crítico que lhe fornecera as primeiras impressões elogiosas do romance publicado e os votos de restabelecimento, "e vida e saúde"⁹⁰, Machado de Assis tange a nota dorida, reafirmando que o "livro é derradeiro".⁹¹ Essa ideia reaparecerá obstinadamente nas cartas, conformando um discurso viciado. Em 1º de agosto, escreve a Joaquim Nabuco e Oliveira Lima, ambos nos Estados Unidos, e a Magalhães de Azeredo, na Itália, ferindo a mesma tecla:

⁸⁵ EO, p. 75.

⁸⁶ C, p. 277.

⁸⁷ C, p. 290.

⁸⁸ C, p. 129.

⁸⁹ C, p. 134.

⁹⁰ C, p. 233.

⁹¹ C, p. 233.

"Insisto em dizer que é o meu último livro",⁹² "este livro novo é deveras o último";⁹³ "Diga se não é lamparina de madrugada. [...] como já lhe disse é o último".⁹⁴

Contrariamente a essa percepção funesta e desencantada, a voz da crítica ressoa na correspondência de Machado de Assis, para fixar a "glória [...] incontestada e incontestável" do autor. De julho e setembro, quando, então, em 29, falece Machado de Assis, capta-se a efervescência da crítica consagrada. Mário de Alencar, José Veríssimo, Alcindo Guanabara e Salvador de Mendonça manifestam-se entusiasmados na imprensa. Afrânio Peixoto escreve a Machado, em sintonia com a crítica de Mário, lida no *Jornal do Commercio*. Mário de Alencar revela ao autor que Félix Pacheco tinha a intenção de "ler toda a [...] obra para escrever sobre ela"; chega, também aos olhos cansados do escritor, a notícia da "impressão excelente" que tivera João Luso.⁹⁵ Em outra esfera, à margem do universo e dos interesses literários, Alencar transmite a opinião de sua mulher, Baby, "*encantada e com saudade do livro*" depois ter virado a última página.⁹⁶ O autor reage discretamente, afinal, tanto melhor que "o livro não [tenha] desagrad[ado]",⁹⁷ pois "não quisera declínio";⁹⁸ bastava, enfim, "como ponto final" de quem dizia cruamente: "Acabei".⁹⁹ Para emprestar a formulação crítica de Brigitte Diaz, quando estuda a encenação do fim nas cartas de escritores franceses do século XIX, avulta também nesses documentos a "*oeuvre de la fin, c'est-à-dire comme le processus d'écriture qui accompagne la fin de l'Oeuvre mais aussi qui ouvre à la réaliser*".¹⁰⁰ Mesmo bastante doente, Machado não interrompe a engrenagem social das trocas epistolares, no esforço de imprimir o mesmo ritmo da recepção crítica do *Memorial de Aires*.

⁹² C, p. 137.

⁹³ C, p. 432.

⁹⁴ CMM, p. 288.

⁹⁵ C, p. 311.

⁹⁶ C, p. 310.

⁹⁷ C, p. 137.

⁹⁸ C, p. 312.

⁹⁹ C, p. 137.

¹⁰⁰ DIAZ, Brigitte. La correspondance comme "effet-dernière oeuvre". In: *Revue des Sciences Humaines*, n. 287 [La dernière oeuvre. Textes réunis par Myriam Boucharenc]. Paris, Juillet-Septembre 2007. p.58.

Na carta, a convicção do fim da obra encontra paralelo na escrita de si, agora expressa em matizes soturnos e, curiosamente, mais expansivos em termos de partilha da intimidade. Pode-se supor que, no tempo da "última obra", surpreendam-se nas cartas, com um pouco mais de nitidez, aspectos do processo de criação e um perfil biográfico de Machado de Assis. Vivencia-se, efetivamente, em 1908, a escrita testamentária de quem deixa as últimas disposições ("para quando eu morrer"), entre as quais a transferência, para a Academia, do "ramo de carvalho de Tasso" recebido como homenagem;¹⁰¹ Veríssimo, como se viu anteriormente, tinha recebido a autorização do escritor para a "divulgação póstuma" das cartas. Machado exprime "ideias fúnebres" ("Não há vaga [na ABL], mas quem sabe se não a darei eu?").¹⁰² Vibra um acorde sombrio de despedida: "Adeus [...] posso ir da vida sabendo que deixo a sua entre outras saudades verdadeiras", escreve a Magalhães de Azeredo em 1º de agosto, quando "chegou mesmo a correr que tinha morrido".¹⁰³ A escrita de si torna-se a expressão da doença ("achaques") e dos remédios para o corpo; da solidão ("tédios") e dos remédios para a alma, como a "Oração sobre a Acrópole", de Renan, e "um livro de Schopenhauer",¹⁰⁴ certamente ambicionando o anulamento das paixões, porque "*un immense fleuve d'oubli nous entraîne dans un gouffre sans nom. O abîme, tu es le Dieu unique*".¹⁰⁵ Na contramão desse furtivo maior desvelamento nas últimas cartas, impera, todavia, a máscara social impassível: "O que faço é não me mostrar a todos tal qual ando [...]".¹⁰⁶

A encenação epistolar da decrepitude mais se acentua nas últimas cartas: a Magalhães de Azeredo, em agosto de 1908, Machado de Assis testemunha que o Rio de Janeiro, em pleno surto desenvolvimentista, "mudou muito até de costumes".¹⁰⁷ Em novembro de 1905, o escritor já vinha presentindo o desajuste entre o seu mundo e dos seus personagens e aquele outro que nascia, sacudido pela "rapidez": "Mudaram-me a

¹⁰¹ C, p. 128.

¹⁰² C, p. 137.

¹⁰³ CMM, p. 288.

¹⁰⁴ EO, p. 107.

¹⁰⁵ RENAN, Ernest. *Souvenirs d'enfance et de jeunesse* [1883]. Paris: Calmann-Lévy, 1967. p. 55.

¹⁰⁶ EO, p. 95.

¹⁰⁷ CMM, p. 288.

cidade, ou mudaram-me para outra. Vou deste mundo, mas já não vou da colônia em que nasci e envelheci, e sim de outra parte para onde me desterraram."^{108,109}

Marcos Antonio de Moraes
IEB – USP
São Paulo, Brasil

Marcos Antonio de Moraes é professor de literatura brasileira no Instituto de Estudos Brasileiros e no Programa de pós-graduação em Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq, nível 2, coordena o Núcleo de Estudos de Epistolografia Brasileira. E-mail: moraesusp@gmail.com

¹⁰⁸ AD, p. 363.

¹⁰⁹ Agradeço a leitura crítica de Ieda Lebensztayn.